

Recensão

*Álvaro Augusto dos Santos Carvalho*¹

Psicanálise. Joaquim Seabra Dinis. Biblioteca Cosmos; Direcção de Professor Bento de Jesus Caraça (da Universidade Técnica de Lisboa); Nº. 76/77 – 1ª Secção – Numero: 39/40 – Ciências e Técnicas – Ciências Psicológicas e Sociológicas; imprimido ao 19 de Janeiro de 1945.



Fundada em 1941 por Bento de Jesus Caraça, a Biblioteca Cosmos é uma autêntica enciclopédia do Saber.

«Bento Caraça idealizou a colecção de livros com o intuito de que eles abarcassem o conjunto de conhecimentos então considerados importantes para a cultura de um indivíduo (...) O texto sobre psicanálise de Joaquim Seabra Dinis tinha o papel de questionar e exercer a seu modo um grande impacto sobre a juventude e os trabalhadores Portugueses.» (cf. Medeiros e Medeiros, 2003).

Joaquim Seabra Dinis (1914-1996) foi um vulto de primeiro plano, médico psiquiatra, escritor, publicista, conferencista, autor de obras de história da psicologia, da psicanálise, da psiquiatria, da neurologia, bem como de trabalhos no âmbito da medicina psicossomática, (artigo do C.E.I. séc. XX). Formado pela Universidade de

¹ Aluno da Licenciatura da Faculdade de Psicologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Lisboa, Artigo redigido em 8 de Janeiro de 2009.

Coimbra, exerceu clínica no Hospital Miguel Bombarda, nos hospitais civis e no Hospital Júlio de Matos, desde a sua inauguração em 1942. Marcou ainda profundamente a psiquiatria portuguesa de meados do século XX.

Lina Seabra Dinis, filha do autor, disponibilizou, do espólio, uma carta de Bento de Jesus Caraça a Joaquim Seabra Dinis, (cf. Anexo). Diz ela: «Em Janeiro de 1945, o meu pai, Joaquim Seabra Dinis, médico psiquiatra, publicou na Biblioteca Cosmos um livro duplo (76/77) sobre Psicanálise. Tendo enviado o original ao Professor Bento Caraça, este fez-lhe uma série de observações que, aliás, o meu pai achou muito pertinentes. ...» (artigo publicado em www.cgtp.pt). Na carta são feitas felicitações ao autor, «tanto na parte expositiva como crítica tudo está feito com clareza e medida.».

O livro de Joaquim Seabra Dinis aborda o tema expondo os princípios fundamentais da Psicanálise. Nos primeiros quatro capítulos encontram-se as bases onde assenta a psicanálise, o quinto capítulo aborda as aplicações clínicas, e os capítulos seguintes o indivíduo e o social, as aplicações da psicanálise na educação, na criminologia, na arte, na sociedade, a ética, na religião e na história, para depois proceder a uma crítica mais externa.

É uma obra que localiza e dá a conhecer a Psicanálise de forma hábil e ligeira, «fazendo-nos viajar até ao divã mais famoso de mundo, onde nos apetece ficar e falar de nós, do eu que não conhecemos. A leitura desta obra aparece dividida em duas partes (...).» No início uma Introdução, onde viajamos com Freud, onde aprendemos a conhecer a Psicanálise, para depois nos surgir uma primeira parte particularmente expositiva, na qual são apresentados o corpo da doutrina e as suas principais aplicações de acordo com os escritos de Freud e dos seus discípulos que parece ser o ponto forte e a maior aposta do autor com Bibliografia que a sustenta; A segunda parte abrange algumas considerações críticas essenciais e as dissidências. No final, podemos encontrar uma bibliografia composta pelas obras de Sigmund Freud e de outros num total de oitenta e três publicações de referência que fundamentam a obra. Um índice de nomes próprios e vocabulário e índice alfabético. Num total de duzentos e dezoito páginas, chega-se ao final da leitura com vontade e compreensão por ser objectiva e de fácil consulta. Cada parte está subdivida em capítulos com sequências ritmadas e interligadas para elaboração do tema. A sua divisão e ligação teve esta intenção pois segundo o autor «não estão expostos por ordem cronológica mas para poder proporcionar ao leitor a

compreensão mais fácil e mais rápida do assunto». Na Introdução encontramos-nos com a doutrina freudiana em toda a sua extensão e implicações. Sonhamos ou fantasiamos nos seus encontros de Viena, Berlim, a Paris, no seu caminho até Breuer, conhecemos Anna O, percebemos o afastamento de Adler e Jung. E sentimos o seu caminho sozinho na análise psíquica dos seus doentes em estado de consciência desperta que o levaram a entender que a doença não era mais do que o resultado duma luta travada entre desejos ou impulsos eróticos e a censura da consciência, que não lhes permite realizarem-se e os recalca, levando-os a deslocarem-se, a transformarem-se em vários sintomas. No decorrer da leitura vamos de encontro ao tratamento psicanalítico que consiste em auscultar o inconsciente, trazer à consciência esses desejos recalcados e os métodos empregues por Freud; a técnica de associação livre, a análise dos sonhos e os actos falhados, e que “ a psicanálise vai mais longe e vai-se estendendo à interpretação da vida do homem normal”. O autor vai nos esclarecendo como a psicanálise pode ser utilizada como instrumento para a interpretação das forças do inconsciente. E, ainda, que «A Sexualidade representa a viga mestra de todo o edifício da psicanálise». É na primeira parte da obra que encontramos os detalhes explicativos de cada uma das técnicas pautadas pela eficiente ilustração com casos práticos. Pareceu-me importante debruçar-me com mais algum pormenor sobre os primeiros cinco capítulos. O primeiro capítulo inicia-se com os Actos Falhados, fenómenos da vida corrente que Freud considerou serem determinados por tendências profundas de recalçamento, *lapsus linguae*. A descrição e explicação é concisa e precisa e apresenta-nos os vários grupos de actos falhados; o lapso, o esquecimento, a perda de um objecto. Depois passa a examinar cada um deles com mais detalhe recorrendo a casos práticos. «Em certos erros ou enganos o que se passa não é mais do que a realização directa de desejos recalcados». E termina o capítulo com as conclusões de Freud. O segundo capítulo, os sonhos, para Freud e para a psicanálise tem um sentido. Do sonho da criança ao do adulto, do conteúdo manifesto ao conteúdo latente e do trabalho do sonho, a elaboração onírica, que consiste em processos de condensação, de deslocamento e de dramatização. Podendo, ainda surgir o contrário, inversão do sentido, da situação e dos acontecimentos. Não podia deixar o autor de abordar os símbolos «património da humanidade, herdado através dos tempos», e os casos práticos para melhor clarificar a interpretação. «O sonho é sempre egocêntrico».

O capítulo III, «A sexualidade», inicia-se com uma ligação aos dois primeiros frisando que a maior parte dos sonhos e dos actos falhados está em relação com forças eróticas recalçadas no inconsciente. Freud separa o «genital», ligado à função reprodutiva, do «sexual». À força com que se manifesta o instinto sexual dá-se, em psicanálise, o nome de *libido*. Somos introduzidos ao desenvolvimento Psico-Sexual com explicação dos períodos e os complexos adquiridos e assimilados pela criança no seu desenvolvimento; os desvios, resultado das paragens ou fixações na transição das fases. Para Freud a génese das psico-neuroses está ligado a estes processos de fixação e de regressão da libido. É feito o desenvolvimento dos três princípios de funcionamento do aparelho psíquico: princípio do prazer, da constância e da realidade. E, ainda, a Sublimação, que para Freud é um mecanismo altamente benéfico para o indivíduo e para a sociedade, «O instinto sexual é, por vezes, susceptível de renunciar à sua satisfação total ou parcial adaptando-se a um objecto social, artístico, religioso ou não puramente sexual». O Capítulo IV, dedicado A vida mental, a personalidade estrutura-se segundo um longo processo de intercâmbios entre o dentro e fora, os mecanismos de defesa são operações psíquicas inconscientes, empregadas pelo Ego para se livrar da angústia que é uma espécie de sinal de alarme da existência de um conflito interno. Os mecanismos são inconscientes por isso actuam de forma automática. «O psiquismo é considerado como um complexo sistema de forças inter-actantes que se chocam e se contrariam, se somam ou se substituem, segundo determinados princípios». No quinto Capítulo sobre a aplicação clínica da psicanálise, Seabra Dinis apresenta-nos um resumo de diversas vias de solução sobre o conflito. E examina, segundo Freud o que se passa nas neuroses de transfert, e salienta que para além da privação e da fixação, é necessário, um terceiro factor para a produção da neurose, factor esse que é determinado pela tendência ou conflito entre o Eu e a *libido*. E reforça que “a neurose só surgirá se o Eu exercer um recalçamento sobre essa fixação”. É, também, neste capítulo apresentado a classificação de Freud, em três grupos, para as neuroses; de transfert ou psico-neuroses, as actuais e as narcísicas. Faz um relato das neuroses, descrição das suas manifestações e sintomas. Aborda também a terapêutica psicanalítica «Como auscultar o inconsciente?», «como descobrir os complexos?». Percebemos na leitura o clima em que se deve realizar a psicanálise, ouvimos o silêncio do analista. Sente-se na sua vibrante escrita o ambiente cada vez mais profundo ao encontro daquilo que o próprio ignora. Seabra Dinis nos capítulos seguintes da primeira parte da obra, do VI até ao XI, elucida-nos sobre outras

aplicações da psicanálise, na educação, na criminologia, na arte, na religião e na história os factos e processos sociais, as guerras, sempre com uma preocupação de ligar os conceitos as obras de Freud. A primeira parte da obra encerra-se assim e no dizer do autor «Não é necessário alongar-nos mais para que o leitor possa entrever, em toda a sua extensão, os vastos e tão díspares domínios onde a psicanálise se arrogou o direito de penetrar». Na segunda parte, Seabra Dinis, permite-se levantar algumas críticas à psicanálise, o que provoca uma certa inversão do sentido

Apesar disto, o livro de Joaquim Seabra Dinis veio ao encontro do «espírito» que Bento de Jesus Caraça queria incrementar na cultura Portuguesa, espírito que traria uma nova visão do mundo, que chocasse contra a paralisia imposta pelo tradicionalismo da sociedade portuguesa. Para ele, a obra de Joaquim Seabra Dinis sobre a Psicanálise tinha teve esse condão o papel de questionar e exercer uma “revolução” mental em Portugal.

Bibliografia

Dimas de Almeida; *Sobre a emergência da «Ciência da religião»*. Editorial da Revista Portuguesa de Ciências da Religião; Lisboa; 2002; n.º. 2 -9-15.

Martinho, J. *Freud & C.^a*. Almedina. Coimbra Lisboa; 2001; DL 165268/01.

Martinho, J. *Persona – Uma introdução às teorias da personalidade*. Edições Universitárias Lusófonas; Lisboa; 2004; DL 211 491/04.

Martinho, J. Org. et al; *Facetas da Psicanálise*. Edições Universitárias Lusófonas; Lisboa; 2003; DL 196274/03.

Martinho, J. et al.; “*A injeção dada a Irma*” de Sigmund Freud. Edições Lusófonas e CEP; 1996; Lisboa; DL 100555/96.

Mijolla, A. e Mijolla-Mellor, S. *Psicanálise*; Climepsi Editores; 1ª Edição 2002, Lisboa; DL n.º 189541/02.

Mueller, F. L. *História da Psicologia – II. A Psicologia Contemporânea*. Publicações Europa-América; 1976, Payot, Paris; Edição n.º 6012/2508.

Lacan, J. *O Seminário livro 11, Os quatro conceitos da psicanálise* (1964). 2ª Edição edição Brasileira 1985; Jorge Zahar Editor; Rio de Janeiro.

Seabra Dinis, J. *Psicanálise*. Biblioteca Cosmos, Lisboa, 1945; N.º. 76/77 – 1ª Secção – Num.º. 39/40 – Ciências e Técnicas – Ciências Psicológicas e Sociológicas.

Internet:

[www. Ceis20.uc.pt](http://www.Ceis20.uc.pt)

www. Cgtp.pt

ANEXO

Uma carta de Bento de Jesus Caraça para o meu pai, Lina Seabra Dinis

Em Janeiro de 1945, o meu pai, Joaquim Seabra Dinis, médico psiquiatra, publicou na Biblioteca Cosmos um livro duplo (76,77) sobre "Psicanálise". Tendo enviado o original ao Professor Bento Caraça, antes da sua publicação, este fez-me uma série de observações que, aliás, o meu pai achou muito pertinentes. Quero chamar a atenção para o cuidado com que Bento Caraça lia os livros a publicar na colecção e o seu esforço para que a sua leitura fosse acessível a qualquer pessoa, fosse qual fosse o seu grau de instrução.



Carta de Bento Caraça a Joaquim Seabra Dinis

1944, 16 de Agosto

Costa da Caparica

Meu Caro Amigo:

Não consegui terminar a leitura do seu trabalho antes dos exames de aptidão mas, uma vez acabados (antes d'ontem!) retomei-a. Só tenho que dizer bem e felicito-o e felicito-me por isso. Tanto na parte expositiva como crítica tudo está feito com clareza e medida; estou convencido de que é um livrinho que vai prestar bons serviços. Só em três pontos me permito fazer sugestões: 1.º Um vocabulário no fim. Apesar de a sua exposição ser muito simples na linguagem, lá aparece de vez em quando um ou outro palavão técnico; por outro lado, o leitor pouco ao corrente destas coisas esquece com facilidade a definição precisa de um termo e tem dificuldade em encontrar o local dela. Por isso me parecia bem um vocabulário - índice nas seguintes condições: a) remissivo

aos lugares onde as definições são dadas; b) explicativo dos termos não definidos e de uso menos corrente na linguagem diária.

2.º Cap. XX pág. 96 e 97. Concordo inteiramente com a doutrina e desejava uma maior explanação referente a campos que apenas aflora, como o folclórico, o artístico em ligação com o fenómeno social fundamental- a descrença no progresso.

3.º Sobre a psicologia individual. Não lhe parece que o próprio fundamento da teoria de Adler- uma atitude finalista, fixada desde os primeiros tempos da infância- merece umas palavras de crítica?

O original fica hoje na sede das Edições Cosmos - rua da Emenda, 11-2º. Disse-me que queria juntar-lhe alguns parágrafos. Se vir que têm alguma coisa de aproveitável as sugestões que aqui faço, poderia fazer tudo junto. Em todo o caso, o original fica lá à sua ordem e logo que o dê como pronto ele começará a ser dactilografado para seguir para a Censura (...)
Aceite as saudações cordeais de

Bento de Jesus Caraça

<http://www.cgtp.pt/bjc/testemunhos/dinis.htm>